



NOVO ENSINO MÉDIO: DOCENTES E SAÚDE MENTAL

Ingrid Gabrielle Silva Barbosa ¹
José Adelson Lopes Peixoto ²
Vinícius Alves de Mendonça ³

RESUMO

Em contato com o Novo Ensino Médio, foi observado o comportamento dos professores no atual cenário da educação brasileira. Como tais docentes demonstravam cansaço e falavam sobre ter que ministrar tantas aulas por semana e sequer metade delas ser relacionada à sua área de formação. Surgiu, assim, interesse em abordar a temática da desvalorização de docentes no referido nível de ensino. Pondo em evidência como o novo modelo do Ensino Médio é um descaso com a saúde mental dos docentes. As incumbências despejadas nos professores geram uma sobrecarga física e emocional, na qual o docente se encontra num estado de “sufocamento”. A parte prática desta pesquisa se deu através do convívio com professores da Escola Estadual Almeida Cavalcanti em Palmeira dos Índios- AL, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no qual graduandos de cursos em licenciatura são inseridos no ambiente escolar visando, como afirma Santos (2017) “o desenvolvimento pessoal do professor como elemento fundamental no seu processo de formação”. O crescimento desta pesquisa se efetivou, através de entrevistas para obtenção de dados qualitativos, utilizou-se também pesquisa bibliográfica e observação participante, com respaldo de Marques (2016) que afirma haver fenômenos que não podem ser captados somente pela análise de documentos. Para lastrear teoricamente, esta pesquisa reportamo-nos aos escritos de Freire (1990), Malinowski (1978), Marques (2016), Pey (1984), Santos (2017), Souza (2007) e outros. Espera-se com este estudo, contribuir para a discussão sobre a necessidade da valorização docente e da criação de um ambiente de trabalho saudável.

Palavras-chave: Docência, Exaustão, Reforma.

INTRODUÇÃO

O artigo intitulado “Novo Ensino Médio: Docentes e Saúde Mental” procura fornecer uma análise crítica sobre a relação do novo modelo de ensino e o adoecimento na disposição mental dos docentes. Assim, esta pesquisa busca refletir se as demandas do atual cenário estão, ou não, contribuindo com a sobrecarga que afeta a saúde mental dos profissionais da educação.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: ingrid.barbosa.20222@alunos.uneal.edu.br;

² Doutor em Ciências da Religião e Professor do Curso de História da Universidade Estadual de Alagoas Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Professor Coordenador no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).E-mail: . adelsonlopes@uneal.edu.br;

³ Mestrando em História na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor de História da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas – SEDUC\AL. Professor Supervisor no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: viniciusalvesmendonca@hotmail.com;



A Educação está ligada à prática do ensino, segundo Freire, (1990, p.24) “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”, cabendo ao docente o papel de possibilitar ao educando construir-se num processo constante de desenvolvimento diante do conhecimento. Tão somente, o professor tem diversas responsabilidades, profissionais e pessoais; o atual cenário da educação brasileira dificulta estes processos de ensino e aprendizagem sendo desmotivante para o docente, que tem a carga horária de sua disciplina de formação reduzida e recebe outras incumbências que não o cabem.

Este profissional enfrenta diversos desafios em sua carreira, desde o desrespeito de alunos ou de seus responsáveis a uma carga horária exaustiva e salário injusto. Assumindo nesta “reforma” outras obrigações como a de ministrar as aulas dos Itinerários Formativos- conjunto de disciplinas e projetos que fazem parte do Novo Ensino Médio - e tem sua formação acadêmica cada vez mais ignorada e desvalorizada.

Este artigo tem o objetivo de abordar o quão desgastante é para o docente que leciona no novo modelo de ensino e alertar sobre as consequências que atingem a saúde mental destes profissionais baseando-se principalmente em experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de acordo com Pey (1984, p.7), “O conteúdo não ‘está aí’ sistematizado. Ele perpassa a experiência e é preciso metaboliza-lo nos líquidos da tua própria experiência para senti-lo”, unindo o estudo e a prática, vivenciados na Escola Estadual Almeida Cavalcanti, foram realizadas entrevistas com três professores da rede estadual pública de ensino, na cidade de Palmeira dos Índios- Al.

Para a referida pesquisa utilizamos instrumentos de coleta de dados, como: observação participante, entrevista e pesquisa bibliográfica. Para lastrear, teoricamente, esta investigação, reportamo-nos aos escritos de Malinowski (1978), Marques (2016), Freire (1990), Koche (2000), Santos (2017), Souza (2007), Pey (1984) e outros. A expectativa é que o estudo possa contribuir para a valorização dos docentes e suas habilitações acadêmicas, visando também dar ênfase à importância dos educadores, pois, o cenário atual demonstra o desinteresse dos estudantes do ensino médio em seguir a profissão de educador, pelo fato de reconhecerem o quanto esta profissão tem sido desgastante e é desvalorizada pelos gestores e governantes do estado.

METODOLOGIA

Como citado, a motivação em trabalhar sobre tal temática foi provocada nas vivências durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID -, onde convivíamos com os docentes e acompanhávamos suas rotinas de aulas compartilhando também algumas experiências, através da observação participante segundo Malinowski (1978) e Marques (2016), que sobre o método, afirmou: “pois existem muitos fenômenos importantes que não podem ser captados por meio de questionários ou pela análise de documentos, mas que têm de ser apreendidos em pleno funcionamento” (2016, p.168).

Seguindo este pensamento, por meio do convívio direto com professores que lecionam atualmente no ensino médio em seu ambiente de trabalho, novas vivências foram acrescentadas a construção da formação docente e, compreendidos os comportamentos e até mesmo os lamentos dos docentes, cansaço, desmotivação e como é confuso em seu trabalho a menor quantidade de tempo ser a designada para a dedicação à área de domínio, formação acadêmica, visto que, o Novo Ensino Médio chegou de surpresa e de forma não agradável.

Quanto ao ato de ensinar, foi utilizado Freire (1990) que compreende a educação como uma possibilidade para o desenvolvimento e crescimento do ser humano e Souza (2007) que aborda a dualidade no trabalho docente, apresentando o contraste entre prática e a teoria, ressaltando as exigências geradas pela expectativa do que teoricamente “produz uma cultura individualista”, porém a realidade é outra e acompanha um trabalho que na prática “personifica as esperanças de mobilidades sociais de diferentes camadas populares”.

Esta investigação também se valeu dos escritos de pesquisa bibliográfica que, segundo Koche (2000, p.122), “é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres”. E, ainda, de acordo com Gil (2010, p.31), permite ao investigador “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Buscando compreender a realidade dos espaços escolares, o estudo procurou respostas às indagações da pesquisa bibliográfica, como aponta Gil (2010, p.01), ao definir pesquisa sendo um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Na busca por teóricos que discutem a temática, foram pesquisados materiais expostos, tais como: livros, artigos científicos, dissertações, disponíveis ou não em bibliotecas digitais, os quais colaboraram com a coleta dos dados da pesquisa.

Brito e Feres (2011, p. 238), afirmam ser “na pesquisa que utilizaremos diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa.”, e como instrumentos para esta pesquisa foram realizados estudos e análise de entrevistas, a fim de investigar os fenômenos à medida que ocorrem, sem que haja qualquer interferência da pesquisadora, tentando

compreender e analisar o comportamento dos docentes que enfrentam grandes desafios no cotidiano escolar.

Em resposta ao questionamento da pesquisa, quanto à abordagem, caracteriza-se, como pesquisa qualitativa, “que responde a questões muito particulares”. Ela se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo do significado [...]” (Minayo, 2001, p.21-22). O método citado por Maria Cecília, foi essencial para compreender a realidade dos professores da rede pública de ensino da educação básica visto que, foi preciso analisar seus comportamentos para poder decifrá-los, não sendo possível quantificar o que foi observado.

REPERTÓRIO TEÓRICO

O atual modelo de ensino médio contém uma carga horária de 3.000 horas totais, e não mais cerca de 800 horas por ano totalizando 2.400 horas, chegando com uma proposta de diminuição da evasão escolar. Conforme Souza (2017), o ambiente escolar, na teoria, tem o papel de formar indivíduos autônomos, críticos e capazes de atuarem melhorando a sociedade e a qualidade de vida, porém a realidade da “reforma educacional” para os educandos é um futuro sem perspectiva, desinteresse nos saberes que se adquirem com os estudos e aumento da evasão, preferindo trabalhar a passar os turnos matutino e vespertino na escola, recebendo diversas informações que não têm nem mesmo tempo para assimilar.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o principal motivo da evasão, seria a necessidade de trabalhar e com o novo ensino médio, isso não é possível. Os dados a seguir são referentes a pessoas de 14 a 29 anos de idade que abandonaram a escola ou nunca frequentaram o ambiente escolar.

De 2019 para 2022 observou-se redução do motivo *não tinha interesse em estudar*, que passou de 28,6% para 24,7%; o motivo *precisava trabalhar* permaneceu praticamente estável entre esses dois anos (de 40,1% para 40,2%; já outros motivos passaram de 9,4% para 14,5%.⁴

Por haver mais aulas dos itinerários formativos do que das demais disciplinas comuns, o aluno acaba não compreendendo os conhecimentos e não é instigado a buscar os saberes, isto, não por falta de esforços dos professores(as), pelo contrário, o corpo docente se dedica em

⁴ IBGE. **Diretoria de Pesquisas**. Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2022.

cativar os estudantes a se desenvolverem diante do conhecimento, porém, o pouco tempo de aula torna este processo exaustivo e desanimador.

Freire (1990, p.28) defende a ideia de que é possível ensinar a partir de produções em que os educandos desenvolvam o senso crítico, investigativo, curioso, persistente. “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Para contribuir com esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com três professores da rede estadual de Alagoas, que não serão identificados. Sobre esta exaustão o um dos entrevistados disse:

[...] fico menos tempo, muito menos tempo pra minha aula de História, por exemplo, tenho que planejar a eletiva, tenho que planejar o PI, tenho que planejar o Estudos orientados, tenho que planejar as orientações também- referente ao DOT- além (ele faz uma pausa) da minha disciplina mesmo [...] ⁵

Com tantos planejamentos dos encargos delegados ao professor, as aulas História, por exemplo, tornam-se “simplesmente razoáveis”, além de não haver tempo para planejar sua aula o docente lida com o fato de ter apenas uma aula por semana, sendo obrigado a buscar maneiras de passar o conteúdo de forma clara, pois o aluno só terá aula novamente na próxima semana, e conseqüentemente, não há um aprofundamento nos assuntos, nem debates levando o aluno a pensar e avaliar, exigindo de si mesmo uma busca pela resposta, pois a nova modalidade de ensino é de caráter mercadológico.

A profissionalização docente é cercada de desafios, porém, deve haver um vasto acúmulo de conhecimentos direcionados ao processo de ensinar, por este motivo se compreende que o ofício é desafiador diante do novo sistema de ensino. O acúmulo de conhecimentos promove a visão de que os professores detêm os saberes, que poderão ser utilizados para diversas situações durante o processo pedagógico. Porém, segundo Tardif, o saber docente seria proveniente da junção de vários outros saberes, “[...] como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (Tardif, 2002, p.36).

Com essa perspectiva a autora defende que o acúmulo de conhecimento dos profissionais possui particularidades, sejam estas, História ou Geografia, pois, são provenientes da diversidade e de conflitos de saberes, em especial os provenientes da experiência profissional. Na compreensão de que o processo é desafiador, vê-se um educando com acesso parcial ao conhecimento e um educador que leciona e está em sala de aula, porém, não para

⁵ Fala do entrevistado 1.

aquilo que se preparou e idealizou, exausto e sem poder fazer muito a respeito das vivências do novo cotidiano escolar.

Um dos entrevistados afirmou: “é bem cansativo, emocionalmente, psicologicamente, profissionalmente, no que você imaginar⁶”, falas que evidenciam ainda mais o descaso como os docentes, profissionais que durante o período do COVID-19 tiveram que trabalhar de forma online, método que claramente não funcionou e resultou em alunos que se formaram sem estudar e professores que lidam até os dias de hoje, pós-pandemia com as sequelas deixadas em seu trabalho, em seus alunos e em si próprios.

Um estudo realizado pela UNICEF Brasil afirmou ser incontestável a pressão que os profissionais da educação foram submetidos pelos desafios impostos no período de 2020 a 2022, apresentando que 72% tiveram a saúde mental afetada, segundo pesquisa realizada com 9.557 profissionais.

Ressaltando o esperado, ao observar as condições de trabalho dos educadores, esta classe de trabalhadores é uma das que mais sofre com a síndrome de *bornut*, termo que significa “queima” ou “combustão total”, um estado de esgotamento completo da energia individual associado a uma intensa frustração com o trabalho.

Por tanto, acreditar que transtornos como ansiedade, depressão, que podem resultar na síndrome de *bounut*, não afetam a classe de professores, por não viverem mais em meio a uma pandemia e que a mudança para o Novo Ensino Médio não os afetaria psicologicamente, é estar com a verdade diante de seus olhos e insistir em mantê-los fechados. Infelizmente não há uma previsão para a revogação do Novo Ensino Médio, porém, seguir como se tudo corresse bem não parece ser a solução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após pesquisas bibliográficas e de campo, adquiriu-se uma perspectiva quanto à graduação, como os futuros docentes não têm conhecimento no tocante à prática que sua formação acadêmica os levará, segundo Santos (2017, p.18), no processo ao ofício da docência “emerge, dentre outras, a preocupação em considerar o desenvolvimento pessoal do professor como elemento fundamental no seu processo de formação”, desenvolvimento teórico e prático, já que, em sua maioria desconheciam a dinâmica do Novo Ensino Médio, exceto uma parte dos graduandos, até serem introduzidos no ambiente escolar por meio do PIBID.

⁶Fala do entrevistado 1.

Diante do desinteresse ou até aversão em profissionalizar-se como docente, uma pesquisa publicada no dia 14 de outubro de 2022 pela Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, Semesp, evidencia alguns dos fatores que afastam os jovens da docência como carreira profissional, apontando uma queda significativa no número de professores no Brasil que pode chegar a 235 mil nas próximas duas décadas. Segue trecho da pesquisa:

Entre os principais fatores que contribuem para o risco de apagão de professores no Brasil [...], o desinteresse dos jovens em seguir a carreira de professor, por conta do processo de precarização da profissão, como a baixa remuneração e a falta de reconhecimento, as condições de trabalho precárias, como infraestrutura ruim das escolas, falta de equipamentos e materiais de apoio, e a violência na sala de aula, além de problemas de saúde.⁷

Cada vez mais a profissão responsável por formar, instigar o senso crítico e fomentar o desejo em melhorar a qualidade de vida para si e a sociedade na qual se vive, tem sido propagada como um emprego ruim por motivos que, em sua maioria, são de responsabilidade dos administradores do Estado. De acordo com o registro do site do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (Sinteal), os professores do estado de Alagoas manifestaram-se exigindo um reajuste salarial no dia 24 de agosto:

Tentamos exaustivamente a negociação, avançamos em alguns pontos da pauta, mas o principal ponto, que é o reajuste que atende a todos os educadores com valorização, não vejo. Porém, a última proposta foi simplesmente enviada para a Assembleia Legislativa Estadual (ALE), mesmo sem nossa aceitação. Isso para nós é um aviso de que a negociação está fechada novamente. Então não nos resta alternativa, é greve!⁸

Em sua fala, o presidente do Sinteal, Izael Ribeiro, enfatiza a situação de necessitar do que é autorizado pelo o Estado (reajuste salarial), porém, em troca das exigências não houve mudanças, apenas avisos de cortes de bolsas e o salário dos professores contratados descontado como resposta ainda no dia 24 agosto. A recente situação exemplifica de forma clara a desvalorização para com os profissionais da educação, um cenário que parte da população desconhece e imaginando ser uma profissão “fácil de levar”, quando não se resume em apenas ler o livro diante da turma.

⁷ **Correio Braziliense.** Semesp. Desinteresse de jovens pelo magistério ameaça educação em futuro próximo. Disponível em: correio braziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/10/5044362-desinteresse-de-jovens-pelo-magisterio-ameaca-educacao-em-futuro-proximo.html. Acesso em: 28/08/2023

⁸ **Sinteal.** Sem avanços: rede estadual entra em greve a partir de quinta-feira (24). Disponível em: sinteal.org.br/2023/08/sem-avancos-rede-estadual-de-educacao-entra-em-greve-partir-de-quinta-feira-24/. Acesso em: 28/08/2023.

Outro tópico que a pesquisa evidenciou foi a necessidade do psicólogo no ambiente escolar, como consta na Lei 13.935/19, que obriga todas as redes públicas de ensino básico a contratá-los, segundo a lei, as instituições educacionais deveriam contratar estes profissionais no prazo de um ano após entrar em vigor em 2020. No entanto, a adoção da medida foi adiada devido à pandemia e, até o momento, a maioria das escolas não conta com psicólogos e assistentes sociais em suas equipes.

A necessidade dos serviços fornecidos por ambos os profissionais, em especial o psicólogo, é de extrema importância pois atenderia tanto aos alunos quanto ao corpo docente, sendo preciso mais de um profissional, um para educandos e outro para educadores, levando-se em consideração a demanda de estudantes e professores em cada escola, pois o atual modelo de ensino é cansativo para ambos os frequentadores do espaço escolar, docentes e discentes.

A presença do psicólogo na escola auxiliaria os professores a respeito da exaustão e pressão que sofrem, com prazos e cobranças pessoais que refletem em sua vida profissional, exemplificando, como um educador da Educação Básica que leciona no Novo Ensino Médio e lida com cansaço e demanda de responsabilidades, pode se dedicar ao desejo de ingressar num mestrado, se aprimorando profissionalmente e se mantendo-se estável (de modo saudável) mentalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o Novo Ensino Médio não trouxe as melhorias que tinha pretensão na educação, pelo contrário, houve um aumento da evasão escolar fenômeno que acarreta diversas questões, como por exemplo a de que ao abandonar os estudos o indivíduo irá, muito provavelmente, ocupar um trabalho informal, de menor qualificação e, conseqüentemente, receberá uma baixa remuneração.

Além disso, este modelo precarizou o ensino ao designar docentes formados em História, ou qualquer outra formação, a ministrar poucas horas de aulas, para suas respectivas disciplinas de domínio e priorizar os Itinerários Formativos, que abordam temáticas que geram, para a maioria dos alunos, um grande desinteresse.

O Novo Ensino Médio chega com a intenção de garantir a melhoria no ensino da educação básica brasileira, porém, o que tem promovido é o aumento significativo de exaustão e doenças psicológicas nos docentes, o que precariza a qualidade do ensino, pois, são estes que estão nas salas de aula, que convivem com os estudantes e se esforçam para transmitir os

conhecimento, a fim de criar possibilidades, abrir caminhos para os jovens e adolescentes que não têm uma visão de si e do meio onde vivem e do quanto podem avançar para atingir o universo da universidade.

Portanto, zelar pela saúde dos docentes é cuidar da educação da futura geração, cuidar de quem exerce a profissão que enfrenta em seu próprio ambiente de trabalho violência, podendo ser física ou verbal e muitas vezes o desrespeito de alunos, responsáveis ou até mesmo da equipe coordenadora. As obrigações despejadas nos docentes neste novo sistema de ensino são abusivas e desconsideram a humanidade dos professores, sujeitos a doenças psicossomáticas e entre outras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/966781-sistemas-de-ensino-precisam-cumprir-lei-e-contratar-psicologos-e-assistentes-sociais-cobram-especialistas>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

BRASIL. **Correio Braziliense**. Semesp. Desinteresse de jovens pelo magistério ameaça educação em futuro próximo. Disponível em: correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/10/5044362-desinteresse-de-jovens-pelo-magisterio-ameaca-educacao-em-futuro-proximo.html. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

BRASIL. **Sinteal**. Sem avanços: rede estadual entra em greve a partir de quinta-feira (24). Disponível em: sinteal.org.br/2023/08/sem-avancos-rede-estadual-de-educacao-entra-em-greve-partir-de-quinta-feira-24/. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

BRITTO JUNIOR, Álvaro F.; FERES JUNIOR, Nazir. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/09/britto-e-feres-a-utilizac3a7c3a3o-da-tc3a9cnica-da-entrevista.pdf>. Acesso em: 03/10/2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49.ed., São Paulo: Paz & Terra, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4.ed., São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE. **Diretoria de Pesquisas**. Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2022. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/8100b5c6e47300b5b9596ced07156eda.pdf. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

KOCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 18.ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Janote Pires. **A “observação participante” na pesquisa de campo em educação.** Educação em foco, 2016.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.

PEY, Maria Oly. **Reflexões sobre a prática docente.** São Paulo: Edições Loyola, 1984.

SANTOS, Lucíola Licínio. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** Cidade: Papyrus, 2017.

SOUZA, D. L. **Professor, Trabalho e adoecimento: políticas educacionais, gestão de trabalho e saúde** [monografia]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2007. p. 38.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis -RJ: Vozes, 2002.